

OFICINAS TERAPÊUTICAS: INTERVENÇÃO DE ENFERMAGEM EM UM SERVIÇO DE SAÚDE MENTAL INFANTO-JUVENIL

Therapeutic Workshops: Nursing Intervention in a Mental Health Service Children and Youth

Alda Martins Gonçalves¹

Helen Martins Gandra²

Paula Gonçalves Assunção³

Thaís Moreira Oliveira⁴

Thales Philipe Rodrigues da Silva⁵

Artigo encaminhado: 30/01/2015

Aceito para publicação: 14/09/2016

RESUMO

A Reforma Psiquiátrica Brasileira teve início na década de 1970. Caracterizou-se como um movimento histórico, político, social e econômico pela abrangência, importância e transformações na prática dos profissionais da saúde mental na vida de usuários e familiares, bem como para toda sociedade. Esse movimento propiciou a desinstitucionalização e, conseqüentemente, favoreceu a redução do isolamento em que viviam os usuários por meio da reintegração social. Antes da década de 1970, a enfermagem psiquiátrica restringia-se a um papel controlador e repressor, configurando-se como responsável pela execução da ordem disciplinar no manicômio. No âmbito da saúde mental em enfermagem é essencial o entendimento de que todo processo terapêutico é parte de um projeto de intervenção. Este estudo apresenta um relato da experiência da oficina terapêutica, *Colcha de Retalhos*, planejada e executada por discentes de enfermagem como parte de um projeto de extensão e pesquisa. A oficina foi realizada como uma proposta de intervenção de enfermagem dentro do processo de cuidados oferecidos aos pacientes em tratamento em um serviço de saúde mental infanto-juvenil. As oficinas terapêuticas são atividades que proporcionam um momento para interação entre pacientes, acompanhantes e equipe de saúde, promovendo a autonomia e a criatividade dos sujeitos por meio da arte e da educação. A oficina, *Colcha de Retalhos*, oportunizou um trabalho terapêutico e pedagógico, baseado no prazer, na vivência lúdica e na participação em situações reais e imaginárias. As atividades da oficina proporcionaram um espaço comum de aprendizado e

¹ Doutora em Enfermagem Psiquiátrica; Professora Associada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Escola de Enfermagem. alda@enf.ufmg.br

² Discente em Enfermagem na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Escola de Enfermagem. helen.gandra@hotmail.com

³ Enfermeira pela Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. paula.g_assuncao@hotmail.com

⁴ Enfermeira pela Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. thaismo18@gmail.com

⁵ Discente em Enfermagem; Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem. thalesphilipe27@hotmail.com

trocas, entre os participantes, reforçando os instrumentos terapêuticos e contribuindo para o tratamento.

Palavras-chave: Enfermagem Psiquiátrica. Saúde Mental.

ABSTRACT

The Brazilian Psychiatric Reform emerged in the 1970s as a historical movement, political, social and economic. Led to the institutionalization and therefore favored reducing isolation through social reintegration. Before the 1970s, the psychiatric nursing was restricted to a controller and repressive role, becoming responsible for the implementation of disciplinary order in the asylum. In mental health nursing is essential to understand that the whole therapeutic process is part of an intervention project. This study present a report on the experience of therapy workshop, "Colcha de Retalhos", planned and executed by nursing students aspart of a project extension and research. The workshop was held as a proposed nursing intervention in the process of care offered to patients under treatment in a mental health service for children and youth. The therapeutic workshops are activities that provide an moment for interaction between patients, caregivers and health professionals, promoting the autonomy and creativity of individuals through art and education. The workshop "Colcha de Retalhos" provided an opportunity a therapeutic and educational work, based on pleasure, playful experience and participation in real and imaginary situations. The workshop activities provided a common area of learning and exchange among the participants, enhancing the therapeutic instruments and contributing to the treatment.

Keywords: Mental health. Psychiatric Nursing.

1 INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica Brasileira teve início na década de 1970. É um movimento histórico, político, social e econômico em construção. Vem produzindo importantes consequências na prática dos profissionais da saúde mental na vida de usuários e familiares, bem como para toda sociedade. Tal movimento, fundamentou-se no questionamento ao modelo de assistência prestada aos portadores de sofrimento mental, propondo superar as práticas manicomiais centradas na reclusão e exclusão. Propiciou a desinstitucionalização e, conseqüentemente, favoreceu a redução do isolamento por meio da reintegração social. Exigiu a criação de espaços substitutivos ao hospital psiquiátrico e uma mudança radical na assistência em saúde mental.

Para Azevedo e Miranda (2011) a partir da Reforma Psiquiátrica, a assistência aos portadores de sofrimento psíquico passou por mudanças, deslocando-se a centralidade dada à loucura para um sujeito real, de direitos, aspirações e anseios, integrante de uma família e inserido na comunidade.

Antes da década de 1970, a enfermagem psiquiátrica se restringia a um papel controlador e repressor, configurando-se como responsável pela execução da ordem disciplinar no manicômio. Segundo Oliveira e Alessi (2003) os enfermeiros psiquiátricos eram submetidos a um aprendizado tendo como referencial teórico o processo de medicalização dos hospícios. A Reforma Psiquiátrica vem mudando o contexto da assistência de enfermagem em saúde mental no Brasil, orientando novas formas de cuidar em saúde mental, valorizando atitudes de respeito, a dignidade e a singularidade do sujeito.

No decorrer da década de 1980 os cenários de atuação dos enfermeiros psiquiátricos expandiram-se para dispositivos extra-hospitalares, ambulatorios e Centros de Atenção Psicossocial, adaptados a um novo modelo de assistência aos portadores de sofrimentos psíquico.

As necessidades e possibilidades específicas do trabalho em saúde mental, ganham novos contornos na perspectiva da ampliação de intervenções propostas pela Reforma Psiquiátrica. Nesse contexto, a forma de cuidar pós Reforma não pode continuar sendo a repressão da autonomia do sujeito, o isolamento familiar e social e não mais admitir-se a noção de “cura”, mas de reabilitação e reinserção social, proporcionando a escuta e a valorização do sujeito (OLIVEIRA; ALESSI,2003).

As diretrizes da Reforma Psiquiátrica, estimularam os profissionais da enfermagem a criarem atividades produtoras de um cuidado diferenciado aos doentes mentais, com ações voltadas às individualidade e inclusão do sujeito no seu processo de tratamento. Desta forma, valorizando e estimulando o auto-cuidado, bem como a reinserção na família, grupos sociais e comunitários (VILLELA; SCATENA, 2004).

A resolução 358/2009 do Conselho Federal de Enfermagem que discorre sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem (COFEN, 2009), corrobora com a Reforma Psiquiátrica ao chamar à atenção do enfermeiro, para usar sua percepção e observação no planejamento da assistência de enfermagem.

Segundo Villela e Scatena (2004), o cuidado de enfermagem passou a ter um enfoque na prevenção do sofrimento mental e na promoção da saúde. Desse modo, o enfermeiro passa a assistir ao paciente, à família e à comunidade, ajudando-os a encontrarem o verdadeiro sentido da enfermidade mental.

No âmbito da saúde mental é essencial que o enfermeiro tenha entendimento que todo processo terapêutico é parte de um projeto de intervenção. O cuidado de enfermagem, como uma proposta de intervenção terapêutica, favorece o fortalecimento e a reabilitação psicossocial do sujeito portador de sofrimento mental. De acordo com a Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC) as intervenções se inserem na perspectiva de que qualquer tratamento é baseado no julgamento e nos conhecimentos clínicos. É privativa do enfermeiro a elaboração do projeto de intervenção de enfermagem objetivando melhorar os resultados do paciente, incluindo tanto as assistências prestadas diretas quanto indiretas (BULECHEK; BUTCHER; DOCHETERMAN, 2010).

O projeto, de extensão e pesquisa, Sistematização da Assistência de Enfermagem em Saúde Mental (SAESM), é uma experiência realizada no Centro Psíquico da Adolescência e Infância (CEPAI), instituição pertencente à Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). O projeto insere-se nas atividades de ensino, pesquisa e extensão da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (EEUFMG).

O CEPAI é um serviço de assistência ambulatorial secundária e hospitalar que pretende assegurar e promover com excelência o acolhimento, o tratamento e a inclusão social de crianças e adolescentes, usuários do Sistema Único de Saúde. Esta unidade trabalha com os pressupostos da Reforma Psiquiátrica: propõe a construção e o incentivo de modalidades alternativas de tratamento em saúde mental, promove a integração de diferentes campos de saberes envolvidos na assistência em saúde mental da infância e da adolescência (FHEMIG, 2015).

A assistência no serviço é feita para pacientes de zero a 18 anos, na forma de hospitalidade com 12 leitos em alojamento conjunto, atendimentos de urgência 24h e ambulatorial feito por diferentes profissionais: médico, psicólogo, enfermeiro, terapeuta ocupacional, assistente social, fonoaudiólogo e fisioterapeuta. Por ser um centro que assiste ao público infanto-juvenil, durante todo o período de tratamento se torna necessário a presença em tempo integral de um dos pais ou responsável, em cumprimento da Lei nº

8.069, de 13 de julho de 1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990).

Considerando os aspectos históricos e conceituais sobre a enfermagem psiquiátrica e a evolução do processo de cuidado de enfermagem a partir da Reforma Psiquiátrica, o objetivo deste estudo é relatar a experiência de uma oficina terapêutica, como umas das propostas de intervenção de enfermagem.

2 OFICINAS TERAPÊUTICAS

As oficinas terapêuticas são atividades que proporcionam um momento de interação entre pacientes e acompanhantes, promovendo a autonomia, o processo criativo e o imaginário por meio da inclusão da arte. Segundo Brasil (1991), oficinas terapêuticas se caracterizariam como atividades grupais de socialização, expressão e inserção social.

A expressão “oficina terapêutica” vem sendo utilizada para designar atividades desenvolvidas em espaços intra e extra hospitalares em saúde mental. Existe uma pluralidade de atividades que utilizam esta nomenclatura. Afinal, o que seria exatamente uma “oficina terapêutica”?

Para Delgado et al. (1997 apud Valadares et al. ,2003, p.5) pode ser um espaço de criação, espaço de atividades manuais ou espaço de promoção de interação, possuindo cada um, suas especificidades. A oficina de *espaço de criação* objetiva a utilização da criação artística como atividade e como um espaço que propicia a experimentação constante. A oficina *espaço de atividades manuais* utiliza o espaço para a realização de atividades manuais, no qual é necessário um determinado grau de habilidade e onde são construídos produtos úteis à sociedade. O produto destas oficinas pode ser utilizado como objeto de troca material. Tem-se, ainda, a oficina *espaço de promoção de interação* caracterizada por promover a convivência entre clientes, técnicos, familiares e sociedade como um todo.

3 METODOLOGIA

As oficinas realizadas no CEPAI, planejadas e executadas por discentes de enfermagem da EEUFMG bolsistas do projeto SAESM, constituíram parte do plano terapêutico da

instituição. Tiveram o propósito de oportunizar espaço para a equipe de enfermagem, executar intervenções conforme prescrição de enfermagem.

Durante o período de execução das ações de extensão do projeto SAESM trabalhou-se as temáticas: estímulo ao autocuidado; incentivo a socialização; educação e promoção à saúde; prevenção ao uso de drogas; saúde reprodutiva; relacionamento interpessoal (autoestima e convivência) e hábitos de vida saudável. As oficinas foram realizadas durante o ano de 2014, às quartas feiras, tiveram duração média de 40 minutos e a participação dos pacientes era espontânea. Utilizou-se recursos como: jogos educativos, materiais recicláveis, jornais e revistas, músicas, modelos didáticos para demonstração sobre saúde reprodutiva e objetos de higiene pessoal, dentre outros. Os discentes participaram de reuniões com a equipe de enfermagem do CEPAL. Nessas reuniões, apropriaram-se das condições clínicas dos pacientes em tratamento e, a partir desses dados, planejavam as oficinas terapêuticas.

Para registro e análise dos dados adotou-se a metodologia da observação-participante. Segundo Queiroz et al. (2007), é uma técnica de observação sistemática na qual o pesquisador/observador se insere na realidade a ser estudada com a finalidade de apreendê-la ampla e detalhadamente. O registro das atividades foi realizado em um diário de campo. Após o término das atividades, os discentes discutiam em reunião de supervisão com a coordenadora do projeto. Por se tratar-se de atividades de extensão e de pesquisa envolvendo seres humanos atenderam-se as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

4 RELATO DA EXPERIÊNCIA

A experiência da oficina aqui descrita, foi uma atividade planejada e executada com o propósito de realizar intervenções de enfermagem, adequando o processo de cuidados oferecidos aos pacientes em tratamento, como parte do plano terapêutico. Optou-se por descrevê-la, por ter se configurado como um trabalho terapêutico e pedagógico, que proporcionou um espaço de ressocialização, baseado no prazer, na vivência lúdica e na participação em situações reais e imaginárias.

A oficina, Colcha de Retalhos, criou um espaço para que os participantes - crianças, adolescente e acompanhantes - expressassem os desejos que gostariam de realizar após a alta do CEPAL.

Os objetivos desta oficina foram estimular a prática de reflexão intrapessoal/interpessoal e proporcionar um momento de trabalho em grupo. A atividade escolhida foi a confecção de uma colcha de retalhos. Utilizou-se os seguintes materiais: retalhos de panos, lãs, cartolina, canetinhas, barbantes, fita crepe, cola quente, canudos, lantejoulas e materiais recicláveis em geral. O desenvolvimento da oficina se deu por meio de uma dinâmica de grupo composta por três momentos: apresentação, desenvolvimento da atividade e encerramento.

Primeiro momento – Iniciou-se com uma dinâmica de apresentação entre os participantes, discentes e profissionais, buscando promover integração grupal e motivação de participação na atividade.

Segundo momento – Foi proposto a cada participante construir um retalho para a colcha, de forma artística e individual, que expressasse um sonho ou um desejo que gostaria de realizar ao término do período de tratamento no CEPAI. À medida que os retalhos foram sendo confeccionados os discentes os uniam com pontos de lã para dar forma à colcha de retalhos.

Terceiro momento – Ao final da oficina, norteou-se uma discussão para que os participantes pudessem compartilhar seus desejos e verbalizar qual era o significado daquele momento para cada um deles. Ao final da oficina a colcha foi colocada em exposição no corredor principal da área de internação.

Considerando a interface entre os objetivos dessa oficina, as intervenções de enfermagem prescritas nos planos individuais e a adesão dos pacientes, essa atividade foi realizada três vezes ao longo do ano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As oficinas terapêuticas representam um instrumento importante de ressocialização e inserção em grupos, na medida em que propõem o trabalho, o agir e o pensar coletivo. Nesta experiência, a oficina Colcha de Retalhos possibilitou uma relação horizontal entre pacientes, profissionais e discentes. Proporcionou um espaço comum de aprendizado e trocas e favoreceram a utilização de instrumentos terapêuticos para melhorar a assistência em saúde mental.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, D. M.; MIRANDA, F. A. N. *Oficinas terapêuticas como instrumentos para recuperação Psicossocial: percepção dos familiares*. Esc. Anna Nery, Rio de Janeiro, v.2, n.15, p.339-345, abr/jun. 2011.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990.

BRASIL. Portaria Nº 189 de 19/11/1991/ Ministério da Saúde, Secretaria de assistência à saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 1991.

BULECHEK, G. M.; BUTCHER H.K.; DOCHETERMAN, J. M. *Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC)*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). *Dispõe sobre a Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem, e dá outras providências*. Resolução COFEN nº 358/2009, de 15 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.portalcofen.gov>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2015.

DELGADO, P.; LEAL, E.; VENÂNCIO, A. O campo da atenção psicossocial, 1997. In: VALLADARES, A. C. A.; LAPPANN-BOTTI, N. C.; MELLO, R.; KANTORSKI, L. P.; SCATENA, M. C. M. *Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais*. Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 5 n. 1, 2003. p.5.

Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHEMIG). Disponível em: <<http://www.fhemig.mg.gov.br/atendimento-hospitalar/complexo-de-saude-mental/centro-psi-quico-da-adolescencia-e-infancia>> Acesso em: 25 de Janeiro de 2015.

OLIVEIRA, A. G. B.; ALESSI, N. P.; *O trabalho de enfermagem em saúde mental: contradições e potencialidades atuais*. Rev Latino-am Enfermagem. Ribeirão Preto, v.11, n.3 p.333-340, maio/jun. 2003.

QUEIROZ, D.T.; VALL, J.; SOUZA A.M.A.; VIEIRA N.F.C. *Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde*. Rev Enferm UERJ, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.276-283, abr/jun. 2007.

VILLELA, S. C; SCATENA, M. C. *A Enfermagem e o cuidar na área de saúde mental*. Rev Bras Enferm, Brasília, v.57, n.6, p.738-741, nov/dez. 2004.